

COM PÊCHEUX PENSANDO A SIGNIFICAÇÃO A PARTIR DO CORTE SAUSSUREANO

Renata MANCOPEs
UNIVALI – SC

“Pela língua começa a confusão”

(J.G. Rosa. Tutaméia)

Gostaria de iniciar minha reflexão sobre o texto *La semantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours* retomando as palavras da professora Aracy Ernst-Pereira¹ que poeticamente nos convidou a refletir sobre as discussões de Pêcheux e a Semântica a partir do corte saussuriano. De fato, desde que mergulhados no mar do discurso não nos é possível apenas ver aquilo que parece ser sempre igual, quase sempre idêntico. O viés do discurso nos permite atravessar a opacidade da língua e entrever aquilo que é fragmentado, diverso e disperso quando falamos da questão da significação.

No texto em questão, Pêcheux nos mostra que o corte saussuriano é a culminância teórica de uma história de exclusão do mundo e do sujeito, tratando a linguagem como um percurso apenas interno, ou ainda, como expressão do pensamento. Mesmo dando a língua um caráter social, Saussure a suprime de qualquer relação com o exterior. Entretanto, embasado no materialismo histórico e na psicanálise, Pêcheux desmonta a unidade da palavra quando discute a Semântica a partir de uma concepção de linguagem que vai de encontro aos princípios de transparência e univocidade, incorporando o sujeito à língua. Assim, o dizer fica atravessado duplamente, pela ideologia e pelo inconsciente trazendo consigo tudo aquilo que poderia entender-se como o “exterior” ou o “fora” dela.

Dentre os elementos teóricos introduzidos neste texto que são suporte para a teoria do discurso, destaco juntamente com a professora Aracy aquele de

¹ Comunicação apresentada no I Seminário de Análise do Discurso para debate do texto *La semantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours* de Michel Pêcheux (1990).

formação discursiva (FD), já que a partir dele entende-se que as palavras vão encontrar seu sentido nas formações discursivas e que haverá movimento de sentidos quando houver movimento na FD. Pensar em movimento na FD é concebê-la, conforme propõe Courtine (1981, p.4) como altamente heterogênea, abarcando dentro de si a tensão e a contradição, sem um limite traçado entre um interior e um exterior, com uma fronteira que se move em função dos interesses da luta ideológica.

Nesse universo, portanto, em que colocada à relação necessária e constitutiva entre a língua e sua exterioridade é que, a partir do texto, entende-se que a crítica colocada por Pêcheux sobre o corte língua-fala pode nos levar a reflexão sobre a questão do sentido (que não foi privilegiada no estruturalismo de Saussure) e que permite estabelecer uma nova relação, pensada então entre a língua e o discurso.

Pensar a língua em relação ao discurso significa entendê-la não com uma evidência, mas sim como uma forma material que oferece limites e resistências nela mesma. Não é possível concebê-la como uma língua pura e transparente em que os sentidos são evidentes.

Milner (1983) comenta que a língua como sistema tende a uma regularidade de acordo, mas essa regularidade é atravessada por pontos de impossível e rupturas que entram em contradição com a idéia de completude e consistência suposta pelo sistema tal qual proposto por Saussure. Gadet (1981) afirma que a “língua é espaço de regras atravessado por falhas”, e é esse espaço que permite o jogo de significações no discurso. Leandro Ferreira (2000) ao refletir sobre o par conceitual língua e discurso coloca que o ponto de vista discursivo é um dos pontos de vista possíveis para pensar a língua já que o próprio Saussure não excluiu essa possibilidade ao declarar que o ponto de vista é que cria o objeto.

Gadet (1987) em seu texto Saussure une science de la langue discute a distinção feita por Saussure entre o interno e o externo a língua. Afirma Gadet que tal distinção cumpre uma função nos estudos lingüísticos da época como uma necessidade de tomada de decisão epistemológica. E sendo assim, a autora

considera que ele não demarca uma exclusividade em relação ao estudo do tema, já que essa posição mesma parece apontar uma certa heterogeneidade. Ou seja, a partir da distinção posta por Saussure é possível pensar que a língua é vista por ele enquanto instituição social, mas é vista também como um sistema de classificação com uma ordem própria. Tais pontos de vista revelam uma contradição entre aquilo que é de ordem sociológica e semiológica. Segundo Leandro Ferreira (2000) a dicotomia língua/fala aponta para um funcionamento que deve existir entre ambas e que relaciona a esfera sintagmática (ordem da linearidade) e a esfera associativa (ordem do sistema). Essa noção de funcionamento por oposição a função é reconhecida tanto por Gadet quanto Pêcheux e está na pauta daquilo que ele pretende estender na Análise do Discurso (AD). Leandro Ferreira (2000) coloca ainda que o fato social em Saussure assim como o ato individual nada tem a ver com historicidade e com sujeito. Diferentemente, na AD este par é indissolúvel e constitui a base do discurso, o social e o histórico fazem parte daquilo que o discurso é.

Conforme Orlandi (1996) o conceito de discurso rompe com o corte saussuriano na medida em que desloca a oposição entre a língua e a fala. Na AD, língua e discurso relacionam-se pela via da contradição já que a língua é vista como a base material na qual o discurso se realiza. Ela torna-se para o analista um pressuposto que permitirá a análise do discurso, permitindo desse modo também entrever o jogo de significações que ali ocorrem.

Assim, para retornar a reflexão exposta até aqui, pensar o par língua e discurso é uma construção possível a partir justamente daquilo que o corte saussureano excluiu, pois ele oportuniza pensar a pertinência desse excluído. Entendemos que a questão que se colocou a partir daí foi justamente pensar em como incluir isso que ficou de fora, e se Pêcheux se propôs pensar a Semântica desde o corte saussureano acreditamos que ele o fez nesse sentido: entender que a significação não está dada apenas pelo lingüístico já que a língua em si revela um impossível de dizer e que, como bem colocou a professora Araci o âmbito da Semântica não poderia estar limitado ao lingüístico. Esse artigo começa a apontar

na obra de Pêcheux que não há como se desembaraçar disso. *“Pela língua começa a confusão...”*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

COURTINE, J.J. **Analyse du Discours Politique**. Langages, nº 62.Paris.1981.

GADET.F. **Saussure: une science de la langue**. Paris. Presses Universitaires de France.1987.

LEANDRO FERREIRA, M.C. **Da ambigüidade ao equívoco a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso**. Porto Alegre. Ed.Universidade/UFRGS.2000.

GADET.F.**Tricher la langue**. Materialités Discursives, p.117-26,1981.

MILNER, J.C. **Les Nomes Indistincts**. Paris. Ed.du Seuil.1983.

ORLANDI.E. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas. Pontes. 1996.